

AS LUVAS DE MINHA MÃE

Sharron Dean McCann NA REVISTA VIRTUE [VIRTUDE]

Elas provavelmente foram feitas com fios duplos e retorcidos de algodão. Sei que eram pretas, brancas ou azul marinho e cheiravam a creme hidratante e pó de arroz. Mamãe as usava o tempo todo, mas aos domingos de manhã era quando mais apreciava as luvas de minha mãe. Amava a sensação escorregadia delas ciciando em meus punhos. Eu as colocava - dobrando as pontas, pois meus dedos curtos e rechonchudos não as preenchiam - e fingia que era uma dama.

No entanto, quando cresci, as luvas de minha mãe poderiam ter sido esquecidas se eu, quando criança, não resmungasse sobre todas as coisas boas que os meninos faziam. Sempre quis ser um deles.

- Os meninos acompanham os passos dos pais - murmurava.

- O que as meninas têm de fazer? Provavelmente, apenas acompanhar as luvas das mães.

Esqueci-me dessa maneira de pensar, mas a ideia retornou anos mais tarde, quando meus filhos começaram a brincar de se vestir como adultos. O que eu aprendera com minhas mãos enfiadas nas luvas de minha mãe?

Quando mamãe as usava, as pontas da mão esquerda ficavam vazias, e um dos dedos das luvas ficava oco da metade até a ponta. Muito antes de eu nascer, quando auxiliava na carroça de feno, as pontas dos dedos dela foram decepadas em um acidente com o forcado. Para mim, eles apenas eram os dedos dela, mas ela sempre odiou as pontas nodosas deles. Talvez, ela usasse luvas para cobrir a vergonha que sentia. Por meio desses dedos, porém, aprendi muito a respeito da vida.

Minhas primeiras memórias referem-se às transições na vida de minha mãe: ela vira três filhos partir para a guerra - e um deles jamais voltou - cuidou de um marido inválido, enviou a filha mais velha para a universidade, criou um filho adolescente e cuidava de mim, a rapa-de-tacho não planejada.

Quando perdeu o marido, ela se mudou conosco para a cidade e passou a reformar casas velhas - transformando-as em lares - para depois vendê-las e comprar outras para reformar. Ela também trabalhava fora, galgando os degraus do êxito: passou de costureira a encarregada - chefe em uma instituição para doentes mentais.

Não percebi tudo o que aprendi nesses anos até que tive de encarar o divórcio em minha vida. Certa manhã, enquanto tomava banho, comecei a chorar e cheguei a apoiar-me na parede devido aos soluços incontroláveis. Pensamentos começaram a assolar minha mente: Não podemos ir.

No entanto, logo a seguir, minha atitude já havia mudado:

É lógico que posso. Como sei disso? Onde aprendi que isso é possível?

Mas, de imediato, eu sabia que aprendera a sobreviver nas épocas difíceis ao andar com minha mãe, de mãos dadas com a luva. Íamos à

igreja, ao mercado, aos eventos da escola da vovó e às festas do trabalho dela. Embora mamãe trabalhasse tempo integral, ainda encontrava tempo para fazer quitutes: pães caseiros, dourados e roliços, tortas fumegantes e feijão, macio e quente, enchiam nossa cozinha todos os sábados. Raras eram as ocasiões em que ela não fazia algo extra.

Ela levava os quitutes para os idosos, os doentes ou deficientes físicos. Eu ia com ela a esses lugares, e ficava sentada escutando quietinha. Esqueci o teor das conversas, mas lembro dos tique-taques suaves, da transmissão do jogo de beisebol no rádio, da limonada, dos biscoitos e dos comentários que mamãe fazia:

"Como isso foi bom para a Sra. Fulana de tal" ou "Não me custou nada fazer isso".

Em algum momento do verão de 1945, ou 1946, mamãe pediu que eu parasse de brincar para fazermos um passeio a pé, e começamos a dar a volta no quarteirão com uma cesta cheia de alimentos. Achei que íamos fazer um piquenique. Cobria mamãe de perguntas: "Por que estamos levando a cesta?"; "Para quem você vai dar?"; "Onde estamos indo?".

No início, ela apenas disse: "Vamos àquela casa ali".

Continuei a fazer perguntas. Por fim, disse-me: "Um amigo de seu irmão, o Garnett, casou-se com uma moça japonesa e a trouxe para morar aqui. Todos na cidade se recusam a vender para eles, portanto estamos levando alguns alimentos para que tenham o que comer". Sabia que meu irmão fora morto na guerra contra os japoneses.

Demorei muito mais tempo do que minha mãe para aprender a perdoar, mas, naquela caminhada curta de verão, aprendi a doar.

Mamãe hoje tem 92 anos. As luvas dela estão sobre a mesa, à espera de uma oportunidade para passear. Até os 85 anos, ela ainda as usava quando ia de carro, cheio de "senhoras que não sabiam dirigir", até a igreja. Além disso, ela ia todos os dias até à casa do irmão para dar-lhe comida.

Quarenta e quatro anos atrás, eu talvez até duvidasse do júbilo de ser mulher, mas agora tenho certeza: dificilmente uma menina pegará o caminho errado se acompanhar as luvas de sua mãe.

Apenas quando esquecermos de nós é que
faremos coisas que serão lembradas.
AUTOR DESCONHECIDO